

# EDUCAÇÃO E LUTA: SOBRE A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO PAIGC, O JORNAL *BLUFO* E AMILCAR CABRAL

*EDUCATION AND STRUGGLE: AMILCAR CABRAL AND THE BLUFO'S NEWSPAPER OF PAIGC*

**Priscilla Marques Campos<sup>1</sup>**

Bacharela e Licenciada em História UFRJ, Mestranda UNIFESP

**Resumo:** A Guiné-Bissau e Cabo Verde estiveram em luta pela libertação nacional entre 1963-1973, o PAIGC foi o partido que unificou a maior parte dos movimentos para a ação. Nesse artigo irei analisar como a presença de Amilcar Cabral no jornal estudantil, afetou o currículo da escola e uma reflexão participação das mulheres no PAIGC. O *Blufo* foi uma ferramenta didática, elaborada pelo PAIGC, no sentido de colaborar para formação estudantil, cultural e política das pioneiras e pioneiros, na construção de laços internacionalistas e pan-africanistas.

**Palavras-chave:** *Blufo*; Amilcar Cabral; educação.

**Abstract:** Guinea-Bissau and Cape Verde fought for national liberation between 1963-1973, PAIGC was the party which brought most parts of the movements together. In this article I will analyze how the presence of Amilcar Cabral in the student newspaper affected the school's curriculum and a reflexion about the women participation at PAIGC. *Blufo* was a didactic tool developed by the PAIGC in order to collaborate in the educational, cultural and political formation of the pioneers, and towards the construction of internationalist and pan-Africanist ties.

**Keywords:** *Blufo*; Amilcar Cabral; education.

---

1 Bacharela e Licenciada em História UFRJ, Mestranda UNIFESP. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Antirracista (GEPEAR/UFRJ) e do Núcleo de Estudos em História da África Contemporânea (NEHAC/UNIFESP). Instagram: @historiadoraobstinada. e-mail: priscilla.marques@unifesp.br

## Linhas introdutórias

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.<sup>2</sup>

Ao resgatar a relevância social e o passado brasileiro, acredito que a invisibilidade e distorção dos estudos sobre as Histórias e Culturas Africanas e Afro-brasileiras, foram encabeçadas por preconceitos e discurso de ódio dos tempos presente e passado, pelas autoridades políticas e intelectuais. Tais evidências apontam a necessidade de produzirmos conhecimentos que somem voz, ressignifiquem, reescrevam e produzam com respeito e justiça outras Histórias. Vale mencionar que o campo historiográfico institucionalizado em África e no exterior do continente, se ampliou de forma potente, a partir das lutas de libertação do colonialismo europeu.

Este ponto se insere na curva desse trabalho, visto que, ele se inseriu em um terreno que visa produzir referenciais que corroboram com a luta antirracista brasileira e internacional, especialmente no campo da educação.<sup>3</sup> Em busca de colaborar com o vasto campo de pesquisadoras e pesquisadores, que se debruçam em criar referenciais teóricos positivos, de orientações afrocentradas,<sup>4</sup> resgatando fontes e bibliografias do continente, neste caso, em Guiné-Bissau e Cabo Verde. Assim como Cheikh Anta Diop<sup>5</sup> não poupou esforços em denunciar as pesquisas existentes sobre o continente africano, principalmente as que negavam a historicidade do continente. Para este autor, os enunciados serviram para a manutenção da ideologia colonial e o reforço da alienação cultural. Portanto, pretendemos nos esforçar aqui para buscar contribuir com o exercício da produção historiográfica que seja respeitosa e digna de ser referenciada pelos que estão em busca de reparações históricas, frente às diversas truculências epistemológicas cometidas à historiografia dos povos africanos.

---

<sup>2</sup> ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Os perigos de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, pp. 32.

<sup>3</sup> SOUZA, Mônica Lima e. **Caminhos da História africana e afro-brasileira: aulas de campo no Cais do Valongo no ensino de História na cidade do Rio de Janeiro**. In: GABRIEL, Carmen T.; MONTEIRO, Ana Maria; MARTINS, Marcus L.B. (orgs.) *Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de História*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

<sup>4</sup> NOGUERA, Renato. Ensino de Filosofia e a Lei 10639/03: criação de conceitos a partir da afrocentricidade como plano de imanência. **Revista África e Africanidades**, ano 3, n. 11, novembro, 2010.

<sup>5</sup> DIOP, Cheikh Anta. **The african origin of civilization: myth or reality**. New York: Lawrence Hill & Company, 1974

Portanto, a temática dessa pesquisa visou abordar um assunto que “responda a problemas e questões suscitadas directa ou indirectamente por africanos”.<sup>6</sup> Os debates acerca dessas questões vieram acompanhados do resgate dos novos governos nacionalistas e dos intelectuais pan-africanistas, por evidenciar a tradição de luta marcante, em oposição ao período colonial. Por conta da problemática da trajetória da escola colonialista universitária, a qual abordava a história do período, sob uma visão distorcida e romantizada destas relações, como constatamos com o historiador holandês Henk Wesseling (1939-2018),

A expansão britânica baseava-se no constante crescimento populacional, em uma economia dinâmica, na harmonia social e num estável sistema político. [...] A Grã-Bretanha se beneficiava, portanto, de um modelo de evolução gradual, de contínua mudança sob a liderança de uma elite esclarecida que usava seus privilégios de maneira discreta.<sup>7</sup>

Nesse trecho Wesseling apontou que o imperialismo europeu em regiões africanas estaria levando uma economia dinâmica e harmoniosa, negando os trabalhos forçados, a cobrança de taxas, exploração dos recursos da terra e a violência contra os trabalhadores que estiveram em manifestações e greves, nos espaços urbanos e rurais. Nesse sentido, esse autor pode ser caracterizado como parte do conjunto de pesquisadores eurocêntricos que possuíram uma visão única da história nos remetendo aqui à Adichie.

A vasta temática das Revoluções Africanas do século XX compuseram o interesse em desenvolver conexões e inspirações, que não estivessem estritamente localizadas nos campos das lutas e dos saberes tradicionais, sendo estes os mais presentes nos currículos. Tais processos são demasiado relevantes para nosso tempo presente, servindo de inspiração e referencial teórico à academia brasileira. Com o compromisso de reescrever narrativas históricas, motivadas pela reavaliação do papel dos negros<sup>8</sup> na História do Brasil e de África, neste trabalho, da Guiné-Bissau e Cabo Verde.

Para esse artigo, analisei o jornal *Blufo*, que foi um jornal de formação política e orientação educacional para a construção do homem novo e mulher nova, no

---

<sup>6</sup> WESSELING, H. L. **Dividir para dominar: A partilha da África 1880-1914**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora Revan, 2008, pp. 41.

<sup>7</sup> WESSELING, H. L. *Op. cit.*, p. 41.

<sup>8</sup> PEREIRA, Amílcar Araujo. A Lei 10.639/03 e o movimento negro: aspectos da luta pela “reavaliação do papel do negro na história do Brasil”. **Cadernos de História**, v. 12, n. 17, p. 25-45, 2011.

processo de luta pela independência nas escolas do PAIGC (Partido Africano para Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde). As escolas que recebiam o jornal eram frequentadas por crianças órfãs e filhos e filhas de militantes, durante a luta pela independência do estado português, do controle do colonialismo salazarista. Tal compreensão da fonte foi elaborada por meio de três subtópicos: A participação das mulheres no PAIGC, O jornal *Blufo* e Presença de Amílcar Cabral.

### **A participação das mulheres no PAIGC**

O Congresso de Cassacá foi considerado oficialmente o primeiro do PAIGC em 1964, servindo para dar os ajustes à linha política e combater desvios internos. Visto que eram destacados abusos de poder de militantes combatentes, balanços dos erros e acertos à nível militar, de táticas de guerrilha etc.

Como resoluções do Congresso, estava o projeto de estabelecimento organizativo das zonas libertadas, dentre outros aspectos: de unidades de saúde, de uma administração local, dos armazéns do povo e de escolas. O jornal *Blufo* que estamos utilizando como fonte, vem em seguida dessa política com o estabelecimento do Departamento Secretariado, Informação, Cultura e Formação de Quadros do Comité Central do PAIGC. A partir desse congresso, com a liderança de Luís Cabral nessa frente, foi estruturada a Escola-Piloto na Guiné Conakry, vizinha da Guiné-Bissau, onde também foi montada a base do PAIGC.

Eram nessas unidades escolares que as crianças eram educadas e socializadas com base nos princípios de luta, de amor à pátria, do sentido de solidariedade e desenvolviam as aptidões da poesia e teatro. Como forma de potencializar estas unidades e atrair apoios da comunidade internacional para a manutenção dos internatos, criou-se uma instituição de caráter jurídico, denominada Instituto da Amizade, a fim de reforçar a permanência dos alunos.<sup>9</sup>

Vale ressaltar, a participação da diretora Lilica Boal à frente da direção da Escola-Piloto e o envolvimento das mulheres no processo da guerrilha revolucionária,

---

<sup>9</sup> MONTEIRO, Artemisa Odila Candé. **Da luta armada à construção do Estado Nacional - Conexões entre o discurso de Unidade Nacional e Diversidade Étnica (1959-1994)**. 2013. 318f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, pp. 178.

Nem todas as mulheres desempenharam funções no teatro de operações da luta de libertação, outras contribuíram à sua maneira para a concretização da luta, sobretudo na fase de clandestinidade, participando diretamente nas atividades políticas, como por exemplo: na produção de alimentos para os combatentes; no carregamento de materiais de guerra; na distribuição dos materiais de propaganda, como informantes, disponibilizando as suas casas para esconderijo dos combatentes; e como enfermeiras, costureiras, esposas, professoras, cumprindo papel estratégico no desenvolvimento da luta de libertação.<sup>10</sup>

Podemos examinar o destaque para a participação das mulheres no PAIGC bem como, na FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) também, pois ao longo da luta pela libertação nacional existiu o Destacamento Feminino.<sup>11</sup> Com isso vemos o papel que o PAIGC cumpriu na libertação das mulheres, ou seja, no processo de estabelecimento da mulher nova, a fim de acabar com casamentos forçados, oferecer independência política/financeira e constringer discriminações.

As mulheres bissau-guineenses foram coadjuvantes na engenharia da luta de libertação, além de constituírem suportes principais na manutenção das bases de luta, elas também participaram das guerrilhas e no teatro das operações de luta, através da criação de grupo de milícia feminina. Em outras palavras, as mulheres tornaram necessária a política de organização do PAIGC para o desenvolvimento da luta de libertação nacional.<sup>12</sup>

Apesar de percebermos uma ampla maioria de homens nos postos de lideranças, muitas mulheres estiveram presente durante toda a luta, Amélia Araújo, conhecida por Maria Turra, quem foi a voz da rádio Libertação; Paula Fortes, responsável pelos Programas de Saúde; Maria da Luz Freire de Andrade, conhecida por Lilica Boal, foi diretora da Escola-Piloto de Conakry a partir de 1969; Titina Silá, foi uma combatente, formadora de milícias, foi assassinada pela PIDE ainda jovem a caminho do velório de Amílcar Cabral, a data do crime se tornou o dia da mulher guineense, 30 de janeiro; Ana Maria de Sá; Carmen Pereira; Carlina Fortes Pereira; Francisca Pereira; Segunda Lopes; Canhe Nan Tingué; Isabel; Satú Camará Pinto; Satu Djassi; Nhima Sanhá; Mariatu; Ana Maria Soares; Teodora Inácia Gomes; Fatima; Silvina; Dulce Almada Duarte etc.

---

<sup>10</sup> MONTEIRO, Artemisa Odila Candé. *Op. cit.*, pp. 202-203.

<sup>11</sup> MONDLANE, Eduardo Chivambo. **Lutar por Moçambique**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1976, pp. 162.

<sup>12</sup> MONTEIRO, Artemisa Odila Candé. *Op. cit.*, pp. 201.

### **O jornal *Blufo* do PAIGC**

A fonte historiográfica mobilizada nesta pesquisa foram as edições do jornal *Blufo*, órgão oficial de propaganda do PAIGC, direcionado aos jovens das escolas das zonas libertadas. A palavra significa em balanta - homem jovem que não foi circuncidado e por isso tem coragem e bravura, a maioria étnica na Guiné-Bissau e no PAIGC. As edições deste periódico estão disponíveis no site da Casa Comum, desenvolvido pela Fundação Mário Soares, em parceria com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa da República da Guiné-Bissau (INEP). A base de dados conta com um vasto acervo com documentos, fotos, jornais, áudios, rascunhos, correspondências e diversos materiais.

Neste site estão disponíveis as 22 edições, produzidas na Escola-Piloto em Conakry. O periódico era de responsabilidade de Luís Cabral desde o Congresso de Cassacá, em 1964. Onde circulou de forma gratuita nas escolas do PAIGC, com distribuição irregular entre as escolas das zonas libertadas e em pequenas tiragens, de janeiro de 1966 até dezembro de 1970, durante 5 anos. O público alvo eram as "pioneiras e os pioneiros do partido", como era chamado o corpo estudantil composto de filhas e filhos de combatentes militantes do PAIGC, órfãos da guerra e demais jovens. O periódico era redigido em máquina de escrever e diagramado em folhas A4, seus artigos não eram assinados e o volume de páginas variou de acordo com o período chegando a ter de 4 páginas em suas edições mais compactas - identificadas nas publicações iniciais e 12 páginas nas edições de 10, 11 e 12.

O conteúdo oferecido em suas páginas contou com artigos e fotografias de diversos temas como: atualizações sobre a luta pela independência, notícias internacionais, geografia das regiões, cultura dos povos, vinda de estrangeiros, visitas nas férias a outros países como - Vietnã, URSS e Alemanha Democrática; jogos, incentivo aos estudos nas escolas, notícias de bolsas de estudos internacionais, incentivo ao desempenho da juventude, entregas de prêmios para as pioneiras e os pioneiros destacados, poemas, contos etc. Nas ilustrações dos jornais foi recorrente o uso de fotografias com crianças em momentos descontraídos, estudando e sendo premiadas. O que contrastava com o momento de guerra difícil, com muitas mortes e violência, em oposição a um olhar para a juventude que estudava e se já se preparava firmada no sonho de um futuro com a nação independente, pois tais pioneiros e

pioneiras seriam os novos quadros dirigentes. De fato, muitas(os) dessas (es) jovens se tornaram médicas (os), advogadas (os), políticas (os), engenheiras (os), professoras (es) etc., da Guiné-Bissau e Cabo Verde independentes.

O interesse em trabalhar com essa fonte esteve em buscar como o periódico se inseriu no currículo dessas escolas, enquanto uma ferramenta didática, elaborada pelo PAIGC para formação cultural e política das pioneiras e pioneiros. O periódico não possuía uma formatação editorial padrão constante, algumas colunas se repetiam ao longo do tempo, outras deixavam de existir e novas eram criadas no decorrer dos 5 anos. Devido ao cumprimento de uma dimensão didática que os jornais cumpriram nessas escolas, atentamos à Janet Guidi, por estudar o uso dos jornais produzidos pelos próprios estudantes, os quais circulavam na escola.

A leitura crítica e a utilização do jornal são de extrema importância para o desenvolvimento da cidadania efetiva e atuante. As informações nele contidas possibilitam o acesso à interpretação de temas importantes todos os dias do ano. O jornal é uma espécie de janela para o mundo, integrando a sala de aula e o mundo real.<sup>13</sup>

Ainda que houvesse diferenças entre os nossos temas, pois Guidi examinou uma experiência no Brasil, do tempo presente, em um modelo de jornal feito pelas alunas e alunos, todavia, os signos se aproximam. Nosso jornal foi produzido pelo PAIGC, circulou em diversas escolas, integrando as alunas e alunos das zonas libertadas, com os temas das lutas de outros povos como Angola e Moçambique. Além disso, modos de agir e de ser, foram marcas presentes.

Nossa compreensão ao verificar como foi relevante o conteúdo do jornal, como parte do currículo das Escolas do PAIGC, nos aproximou da compreensão de Tomaz Tadeu da Silva. Pela qual, o currículo presente nas escolas, pode ser compreendido como um elemento que concede identidade e conhecimento, promovendo empoderamento para as/os estudantes, incentivando uma educação descolonizadora, diferente do projeto educacional português.

Quando pensamos em currículo pensamos apenas em conhecimento, esquecendo-nos de que o conhecimento que constitui o currículo está inextricavelmente, centralmente, vitalmente, envolvido naquilo que

---

<sup>13</sup> GUIDI, Janete Aparecida. O uso do jornal como suporte à aprendizagem. In: Congresso Nacional de Educação, 11., 2013, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: PUC Paraná, 2013, p. 18198.

somos, naquilo que nos tornamos: a nossa identidade, na nossa subjetividade.<sup>14</sup>

Dessa forma, Tomaz da Silva, intensificou sua análise do currículo em sua dimensão identitária. Uma vez que os saberes que foram escolhidos para serem difundidos nas escolas do PAIGC e no jornal *Blufo*, eram parte do projeto de educação do PAIGC. Nesse sentido, Amílcar Cabral analisou as consequências da educação colonial de dominação epistemológica.

Toda a educação portuguesa deprecia a cultura e a civilização do africano. As línguas africanas estão proibidas nas escolas. O homem branco é sempre apresentado como um ser superior e o africano como um inferior. As crianças africanas adquirem um complexo de inferioridade ao entrarem na escola primária. Aprendem a temer o homem branco e a terem vergonha de serem africanos. A geografia, a história e a cultura de África não são mencionadas, ou são adulteradas, e a criança é obrigada a estudar a geografia e a história portuguesa.<sup>15</sup>

Portanto, ao referenciar o currículo das escolas colonialistas portuguesas, vemos por outro lado a proposta de construção do homem novo e da mulher nova que surgem na contramão desse plano, ou seja, por concatenar uma nova identidade, nascida a partir da luta pela independência, descolonizadora. Novo, no sentido de valorizar sua identidade, sua origem, sua terra, os conhecimentos que surgem através da unidade pela luta pela libertação e pelo resgate das culturas dos povos envolvidos, no lugar da cultura colonialista, assim como a unidade destes. Por isso, a luta pela libertação nacional não significa apenas um fato cultural, mas também um fator (ato) de cultura.<sup>17</sup>

Podemos dizer que o currículo é também uma questão de poder e que as teorias do currículo, na medida em que buscam dizer o que o currículo deve ser, não podem deixar de estar envolvidas em questões de poder. Privilegiar um tipo de conhecimento é uma operação de poder. Destacar, entre as múltiplas possibilidades, uma identidade ou subjetividade como sendo a ideal é uma operação de poder.<sup>18</sup>

---

<sup>14</sup> SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 15.

<sup>15</sup> CABRAL, Amílcar. **Unidade e Luta**. Lisboa: Seara Nova, 1978, pp. 64.

<sup>17</sup> CABRAL, Amílcar. **Guiné-Bissau, nação africana forjada na luta**. Lisboa: Nova Aurora, 1974.

<sup>18</sup> SILVA, Tomaz Tadeu da. *Op. cit.*, p. 16.

Diante disso, o poder estava de fato em ação e disputa direta pois se inseria exatamente durante o período da luta armada. A unidade nacional de Guiné-Bissau e Cabo Verde, nesse processo, produzia cultura e as Escolas-Piloto organizavam de maneira didática o desenvolvimento dos saberes que faziam parte da cultura de luta pela libertação.

### **Amilcar Cabral**

Fundamental para os estudos do processo de luta pela libertação na Guiné-Bissau e Cabo Verde é a personalidade de Amilcar Lopes Cabral. Filho de mãe e pai caboverdianos, nasceu em 12 de setembro de 1924 na região de Bafatá, em 1932 vai para Cabo Verde com a família onde passa o resto de sua infância e a juventude. Completando os ensinamentos primários e secundários no Liceu São Vicente, na localidade de Santa Catarina. Foi cruelmente assassinado aos 48 anos, em 20 de janeiro de 1973, por influência política da PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado), não chegando a ver a Independência reconhecida por Portugal em 10 de setembro de 1974, apesar de ter sido declarada em África e reconhecida em diversos países, em 24 de setembro de 1973 pelo PAIGC.<sup>19</sup>

Cabral recebeu uma bolsa de estudos para cursar Engenharia Agrônoma no Instituto Superior de Agronomia (1945-1952) em Lisboa, participou da Casa da África e ativamente da Casa do Estudante do Império (CEI). Inicialmente, criada pelo governo para controlar os estudantes vindos das colônias portuguesas, porém, foi reconhecida por ter sido um dos berços do nacionalismo africano e do pan-africanismo, com a inspiração de um dos grandes nomes, como Kwame Nkrumah. Amilcar Cabral atuou como Presidente do Comité da Cultura, Secretário Geral (1950) e Vice-Presidente (1951) na CEI. Ainda enquanto estava estudando, conheceu outros estudantes africanos como Mario de Andrade, Agostinho Neto, Eduardo Mondlane e Alda Espírito Santo. Nessa época, enquanto estudantes, debateram junto com Cabral sobre a busca da reafirmação dos espíritos, diante da educação assimiladora desenvolvida pelo ensino colonial.

---

<sup>19</sup> PEREIRA, Amilcar Araujo; VITTORIA, Paolo. A luta pela descolonização e as experiências de alfabetização na Guiné-Bissau: Amilcar Cabral e Paulo Freire. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 50, p. 291-311, dez. 2012.

Porque ninguém no nosso caso podia se considerar verdadeiramente português só porque papagaiava nas aulas que Diogo Cão havia descoberto o Zaire, que nossos rios eram o Minho e o Mondego. Como é que podia ser se nós bebíamos a água do Rio Bengo? E aprendíamos botânica por correspondência, falávamos de todas as flores de Portugal. Obrigávamos a fazer redações sobre noites em ladeiras, tal como vinham nos livros, falavam daquelas iguarias, do prato de arroz doce. Nós não tínhamos isso em casa, comíamos pratos africanos. Havia todo um mundo que era da escola e o mundo verdadeiramente africano.<sup>20</sup>

Nesse trecho, Mario de Andrade retoma como a educação colonizadora funcionava, portanto, a reafirmação dos espíritos estava presente nos contrapontos feitos nos encontros entre os estudantes africanos de Guiné-Bissau, Moçambique, Angola e São Tomé e Príncipe, por exemplo. Para tal, foi nesse contexto que esteve inserido o nosso objeto de análise. A nossa fonte, o jornal *Blufo*, foi elaborado pelo PAIGC que se inseriu neste cenário de descolonização e de reafirmação dos corações e mentes bem como, de guerra anticolonial.

Cabral quando terminou os estudos no Instituto Superior de Agronomia, em Lisboa, voltou para Guiné-Bissau em 1952, assumindo o cargo de diretor do Posto Agrícola Experimental de Pessubé, momento o qual realizou o primeiro recenseamento agrícola do país, a partir desse trabalho pode conhecer muito bem todo o território, a dimensão do trabalho exercido pelas populações, a diversidade das culturas locais e o impacto do colonialismo fascista português na região.

Principal liderança na construção do PAIGC, conhecido não só como revolucionário, mas também como educador, sua atuação não foi marcada apenas no contexto guineense e cabo verdiano.

Amilcar Cabral também buscava a unidade entre as diferentes organizações em luta contra o colonialismo na África, especialmente o português. Segundo Carlos Lopes, em dezembro de 1956 Cabral teria participado em Luanda da fundação do Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA), assim como teria sido um dos protagonistas em diversas outras tentativas de se construir organizações de luta pela independência articulando os países colonizados por Portugal na África.<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> AZEVEDO, Licínio; RODRIGUES, Maria Da Paz. **Diário da libertação: A Guiné-Bissau da Nova África**. São Paulo: Versus, 1977, pp. 91.

<sup>21</sup> PEREIRA, Amilcar Araujo; VITTORIA, Paolo. A luta pela descolonização e as experiências de alfabetização na Guiné-Bissau: Amilcar Cabral e Paulo Freire. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 50, p.291-311, dez. 2012, p. 9.

O contínuo projeto de Amílcar na unidade de Guiné-Bissau e Cabo Verde pode também ser apontado, como um dos possíveis erros de Cabral na tentativa de aproximar os dois territórios. Vale apontar que Cabral não pode ser lido como uma figura cristalizada e incontestável, também existem críticas a serem feitas aos seus projetos, como o projeto binacional, a questão da etnicidade<sup>22</sup> e da escolha da língua para a alfabetização, essas foram questões caras acerca da disputa de sua memória, infelizmente, essa discussão tem sido muito valorosa mas não iremos desenvolvê-las neste artigo, mas valem ser referenciadas.

Chamou-nos atenção a presença em 19 colunas dentre as 22 edições que contam com a visita de Amílcar Cabral às escolas. Para o "Pedagogo da Revolução", como foi apelidado por Paulo Freire, a educação era a principal arma contra o colonialismo. Para nós, foi expressiva as suas recorrentes visitas às escolas. Os títulos de algumas dessas colunas foram: "Parabéns aos nossos professores"; "De regresso de Havana Cabral visita a Escola Piloto"; "Com presença de Cabral, o Embaixador de Cuba visitou a Escola-Piloto"; "Cabral premiou os melhores alunos do ano"; "Visita do nosso Secretário Geral à Escola de Samine"; "Estudo e trabalho na Escola-Piloto Cabral encerra o ano letivo 68/69"; "Festejou-se na Escola-Piloto o dia Internacional das Mulheres"; "Estudo e trabalho na Escola-Piloto, Cabral abre ano letivo na Escola-Piloto".

Percebemos a presença de Amílcar Cabral nas celebrações de final e início de ano letivo, na atribuição de discursar e entregar prêmios. Sua relação com as pioneiras e os pioneiros parecia ser fraterna, pelo contato próximo e especialmente na Escola-Piloto de Conakry, próxima a sede do PAIGC. Além disso, ele costumava ser o interlocutor das visitas internacionais às escolas. A sua presença na Conferência Tricontinental (1966) e nas Conferências das Organizações Nacionalistas das Colônias Portuguesas, demonstraram sua relevância para o cenário internacional da luta. Sua atuação colaborou com o currículo dessas escolas, no sentido de possuir um projeto de construção de uma identidade nacional, que não se restringe ao campo nacionalista imperialista colonial, mas sim, na construção de laços internacionalistas e pan-africanistas na luta pela autodeterminação dos povos.

---

<sup>22</sup> FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. Amílcar Cabral: construção da nação e modernização da cultura. In: CARVALHO FILHO, Sílvio de Almeida; NASCIMENTO, Washington Santos. **Intelectuais das Áfricas**. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2019.

## Desenlace

Foi indispensável para a luta pela independência um processo de descolonização das mentes, ou seja, combater o colonialismo e suas práticas levando em consideração a realidade cultural do povo na disputa das narrativas políticas, em conjunto com a luta revolucionária. Diferentemente do processo de uma proposta de assimilação cultural da administração portuguesa, a qual desqualificava a cultura local, sendo chave estimular e transformar as formas de agir e pensar. As escolas do PAIGC reuniram milhares de jovens, que desenvolveram sua percepção de mundo em busca da construção do homem novo e da mulher nova, no sentido de reafricanizar os espíritos.

Nossa fonte evidenciou a proximidade de Amílcar Cabral nas rotinas escolares identificando a sua presença em 19 artigos do jornal *Blufo* nas 22 edições publicadas. O que nos reafirma a sua relação próxima de sua teoria com a prática educativa.

Nesse sentido, o *Blufo* foi uma ferramenta de comunicação política e didática para as pioneiras e os pioneiros, atualizando e ensinando sobre as notícias do processo revolucionário, além de estar circunscrito no currículo da escola, possuindo uma dimensão educativa concedendo identidade e poder para as novas e novos futuros quadros políticos e intelectuais do partido.

Para esse artigo recortamos alguns resultados da pesquisa monográfica que fizeram parte fundamental da compreensão do tema, que foram os aspectos que evidenciaram a pluralidade de formas para desenvolver a socialização e a educação na infância, que seriam - a educação na tradição oral; a diferenciação da educação colonial portuguesa e a educação do PAIGC. Bem como, o exercício de análise das colunas sobre o Massacre de Pidjiquiti (1959) e o Correio *Blufo* – tais temáticas serão elaboradas em trabalhos futuros.

## Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Os perigos de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AZEVEDO, Licínio; RODRIGUES, Maria Da Paz. **Diário da libertação: A Guiné-Bissau da Nova África**. São Paulo: Versus, 1977.

CABRAL, Amílcar. **A arma da teoria**. Lisboa: Seara Nova, 1976.

CABRAL, Amílcar. **Guiné-Bissau, nação africana forjada na luta**. Lisboa: Nova Aurora, 1974.

CABRAL, Amílcar. **Unidade e Luta**. Lisboa: Seara Nova, 1978.

CASA COMUM. **Blufo**. Disponível em: <[http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e\\_2684](http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e_2684)>. Acesso em: 25 nov. 2019.

DIOP, Cheikh Anta. **The african origin of civilization: myth or reality**. New York: Lawrence Hill & Company, 1974

FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. "Amílcar Cabral: construção da nação e modernização da cultura". In: CARVALHO FILHO, Silvío de Almeida; NASCIMENTO, Washington Santos. **Intelectuais das Áfricas**. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2019.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FUNDAÇÃO MARIO SOAERS. **Blufo: Órgão dos pioneiros do PAIGC**. Disponível em: <[http://www.fmsoares.pt/iniciativas/ilustra\\_iniciativas/2003/000373/](http://www.fmsoares.pt/iniciativas/ilustra_iniciativas/2003/000373/)>. Acesso em: 25 nov. 2019.

GUIDI, Janete Aparecida. O uso do jornal como suporte à aprendizagem. In: Congresso Nacional de Educação, 11., 2013, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: PUC Paraná, 2013. Disponível em: <[http://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/9006\\_4660.pdf](http://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/9006_4660.pdf)>. Acesso em: 25 nov. 2019.

HOUNTONDJI, Paulin. Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: Duas perspectivas sobre os Estudos Africanos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 8, p. 149-160, 2008.

LOPES, Antonio Soares. **Os media na Guiné-Bissau**. Bissau: Edições Corubal, 2015.

MONDLANE, Eduardo Chivambo. **Lutar por Moçambique**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1976.

MONTEIRO, Artemisa Odila Candé. **Da luta armada à construção do Estado Nacional - Conexões entre o discurso de Unidade Nacional e Diversidade Étnica (1959-1994)**. 2013. 318f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

NOGUERA, Renato. Ensino de Filosofia e a Lei 10639/03: criação de conceitos a partir da afrocentricidade como plano de imanência. **Revista África e Africanidades**, ano 3, n. 11, novembro, 2010.

PEREIRA, Amílcar Araújo. A Lei 10.639/03 e o movimento negro: aspectos da luta pela "reavaliação do papel do negro na história do Brasil". **Cadernos de História**. Vol. 12, N. 17, pp. 25-45, 2011.

PEREIRA, Amílcar Araújo; VITTORIA, Paolo. A luta pela descolonização e as experiências de alfabetização na Guiné-Bissau: Amílcar Cabral e Paulo Freire. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Vol. 25, N. 50, pp. 291-311, dez. 2012.

ROMÃO, José Eustáquio; GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire e Amílcar Cabral: a descolonização das mentes**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOUZA, Mônica Lima e. Caminhos da História africana e afro-brasileira: aulas de campo no Cais do Valongo no ensino de História na cidade do Rio de Janeiro. In: GABRIEL, Carmen T.; MONTEIRO, Ana Maria; MARTINS, Marcus L.B. (orgs.) **Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de História**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

WESSELING, H. L. **Dividir para dominar: A partilha da África 1880-1914**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora Revan, 2008.

**Recebido em:** 05.05.2021

**Aprovado em:** 20.07.2021